

AS NOVAS CORRENTES DA CRÍTICA LITERÁRIA

Luiz Carlos Moreira da Rocha*

Carlos César de Carvalho Marques**

RESUMO: *O campo das teorias críticas vem se desenvolvendo desde a antiguidade, quando os preceitos aristotélicos inauguraram para a Civilização Ocidental a atividade valorativa das obras literárias. Da Arte Poética aos nossos dias, abundam tentativas de teorização dos fenômenos artísticos e literários intermediadas por alguma teoria crítica.*

No século XX, o referido campo alarga-se com as teorias do formalismo russo e do new criticism anglo-americano, de perfis imanentistas. Uma vez superadas essas vogas, a área das teorias críticas viu-se tomada de novas tendências a partir dos anos de 1960, como o estruturalismo e a semiótica, de cujos esforços nasceu a narratologia que, para muitos, representa uma nova concepção de ciência da literatura. Aparecem também as inovações nos campos da psicocrítica, da estética da recepção e da sociologia da literatura que, de alguma forma, prepararam o terreno para as grandes mudanças que teriam lugar no universo literário e cultural em meados da década de 1970.

A teoria pós-moderna traz em seu bojo alguns conceitos que têm sido amplamente discutidos e utilizados em diálogos com as expressões literárias e artísticas do passado recente e da atualidade e, entre eles, os conceitos de metaficção historiográfica, obra aberta, nova história, feminismo e pós-colonialismo.

* Universidade Candido Mendes – UCAM.

** Universidade Federal Fluminense – UFF, Mestrando.

PALAVRAS-CHAVE: *intertextualidade; metaficção; feminismo; pós-colonialismo; multiculturalismo*

O campo das teorias críticas vem se desenvolvendo desde a antigüidade quando os preceitos aristotélicos inauguraram, para a Civilização Ocidental, a atividade valorativa das obras literárias. Da *Arte Poética* aos nossos dias, abundam tentativas de teorização dos fenômenos artísticos e literários intermediadas por alguma teoria crítica.

Embora vários esforços tenham sido empreendidos, é no século XX que o referido campo alarga-se. Primeiramente, as teorias críticas do formalismo russo e do *new criticism* anglo-americano, de perfis imanentistas, buscaram o estudo da arte literária *qua* obra literária, resgatando o estudo das belas letras do historicismo de base positivista.

Uma vez superadas essas vogas, a área das teorias críticas viu-se tomada de novas tendências que, a partir dos anos de 1960 passaram a formular novas concepções acerca dos estudos literários. Desta forma, destacam-se o estruturalismo e a semiótica, de cujos esforços nasceu a narratologia que, para muitos, representa uma nova concepção de ciência da literatura.

É nesta época que a velha hermenêutica renova-se para a busca de sentido de um texto jungindo-se, teoricamente, aos construtos lingüísticos de estirpe saussuriana e da filosofia heideggeriana. De maneira aparentada, a estética da recepção instaura-se como um novo segmento teórico cujo fim é o deslocamento do eixo de análise para a recepção por parte do leitor e, com isso, introduz uma nova estética.

Na esteira de 1968, novas formas de abordagem literária são trazidas a lume e, entre elas, a sociologia da literatura. Logo, uma correlação é estabelecida entre a ciência que tem por objetivo o estudo das sociedades, a sociologia e a abordagem literária com o suporte da sociologia do romance, cujo objetivo seria o estudo deste gênero literário a partir de sua relação social.

Assim, o que se passa na sociedade é o que se relata no romance. Tal abordagem busca fundamentar-se na premissa de que um indivíduo não estabelece, isoladamente, um aparato mental e ideológico divorciado da sociedade.

Da sociologia da literatura para a relação entre a literatura e a psicanálise, registra-se que muito antes de a psicologia tornar-se uma ciência e também antes do advento da psicanálise, a literatura e seus gêneros sempre ressaltaram a natureza das paixões e do raciocínio humanos. Por outro lado, a crítica literária encontra na psicanálise recursos teóricos para a interpretação de textos, análise de personagens, bem como para o processo criativo, entre outros.

Do ponto de vista teórico, a psicanálise foi revigorada nas décadas de 1960 e 1970 pela obra de Jacques Lacan. O psicanalista francês tomou por base as obras de Freud e do lingüista Ferdinand de Saussure e erigiu um modelo teórico no qual propunha o inconsciente estruturado como uma linguagem e desenvolveu os conceitos de deslocamento e condensação, da teoria freudiana de interpretação dos sonhos, dando-lhe acepções de metáfora e metonímia, respectivamente.

Portanto, a psicanálise como ciência da linguagem e a literatura como arte da linguagem exibem um parentesco óbvio e cujo fruto primordial é a crítica psicanalítica da literatura, que passou a constituir-se em uma importante linha de pesquisa nos redutos de instrução literária e psicanalítica, em nível de pós-graduação, das principais universidades e centros de pesquisa do Ocidente.

Em meio às turbulências culturais do fim dos anos de 1960, uma teoria crítica intitulada *estética da recepção* foi trazida à tona por Hans Robert Jauss, na Universidade de Constança, na Alemanha.

O principal objetivo dessa teoria é deslocar o eixo das análises do texto para a sua recepção por parte do público leitor. Com isto, a *estética da produção*, centrada no autor e no texto, bem como a *estética da representação*, calcada no imaginário, no psicanalítico, etc., dão lugar a uma *estética da recepção*, na qual a ênfase recai sobre a relação obra/leitor(a) num contexto específico.

A *estética da recepção* visa entrelaçar o sujeito que recebe a obra literária com o processo de produção, o contexto histórico, os inconscientes individual e coletivo e o próprio texto.

A recepção à *estética da recepção* assinala os limites de suas próprias normas e os fatores que a norma tradicional não permitiu manifestar e, entre eles, seguindo Wolfgang Iser, em *O Ato da Lettura*, é “o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor de textos”, quem conduz o processo. (1996, p. 49)

Seguido ao período estruturalista, os anos 70 trazem a marca do pós-estruturalismo que abriga a teoria desconstrutivista que, em oposição ao estruturalismo, é na visão de Terry Eagleton “o nome dado à operação crítica através da qual tais oposições podem ser parcialmente enfraquecidas ... no processo de significação textual”. (1986, p. 143)

As “tais oposições” a que se refere a citação do texto de Terry Eagleton são os pares mínimos opositivos, advogados pela lingüística estrutural e inseridos nos pressupostos de teorias que emergiram a partir da interação com o estruturalismo.

A desconstrução mostra como as oposições dicotômicas representam uma forma de ver característica das ideologias. Teóricos franceses como Jacques Lacan, Roland Barthes e Michel Foucault são os grandes mentores desta corrente. Derrida, por exemplo, foi mestre em extrair observações de fragmentos periféricos de uma obra literária, ou até mesmo notas de rodapé, e a partir daí desconstruir o sistema de oposições binárias que dominam a totalidade do texto.

Há que se fazer menção, ainda que de forma assaz concisa, à teoria da intertextualidade. Entende-se por intertexto a presença de um ou mais textos no seio de um outro texto. Tal inserção pode ocorrer de várias maneiras: através da citação, do plágio, da alusão etc.

Embora seja uma prática milenar, a sua teorização em bases mais sistemáticas vem sendo levada a cabo pelos estudiosos da pós-modernidade. Teóricos como Yves Reuter, Julia Kristeva e

Gérard Genette são alguns nomes de ponta que têm lançado luz sobre este fenômeno textual.

Porém, antes de esboçar considerações sobre os trabalhos dos teóricos franceses, é de bom-tom tecer alguns comentários, ainda que rápidos, sobre as postulações teóricas de dois críticos de peso da língua inglesa que, de alguma forma, também contribuíram para o debate sobre a intertextualidade. Em seu famoso ensaio *Tradição e Talento Individual*, T. S. Eliot afirma:

... se nos aproximarmos de um poeta poderemos amiúde descobrir que não apenas o melhor mas também as passagens mais individuais de sua obra podem ser aquelas em que os poetas mortos, seus ancestrais, revelam mais vigorosamente sua imortalidade. (Eliot, 1989: p. 38)

O pressuposto de Eliot, embora não cite o termo intertextualidade, endereça-se, inequivocamente, para a referida questão ao argumentar que ninguém escreve apenas com a sua geração sobre os ombros.

Anos mais tarde, o polêmico crítico norte-americano Harold Bloom cunharia meia dúzia de tropos em seu livro *The Anxiety of Influence*, com os quais tece a relação da obra de um determinado poeta com a(s) de seu(s) precursor(es). *Clínamen* é o tropo que demonstra o desvio de um poeta em relação ao seu precursor. *Tessera* aponta para a complementação do precursor na obra do poeta novo.

Kenosis significa o esvaziamento do poeta anterior e a *Demonização* é uma figura que permite um deslocamento rumo ao contra-sublime. *Askesis* permite ao poeta interpretar o seu precursor e *Apophrades* representa a volta dos mortos, uma espécie de apropriação da obra do precursor. Todas essas elucubrações bloomnianas nos remetem a formas de relações entre textos, ou seja, de intertextualidade.

Mas, sem sombra de dúvidas, os teóricos franceses foram além na teorização do fenômeno intertextual. Gérard Genette elabora cin-

co conceitos a partir dos quais a matéria se desenvolve. São eles: a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade, a arquitextualidade e a transtextualidade.

Por paratexto, Genette designa a relação do texto com o seu próprio extratexto, ou seja títulos, subtítulos, prefácios, posfácios, capa, contracapa, epígrafes etc.

A metatextualidade é a relação de comentário que une um texto a outro de que ele fala. O hipertexto, por sua vez, liga um texto B, que Genette chama de hipertexto, a um texto A que é o hipotexto.

A arquitextualidade é uma relação mais abstrata e menos explícita e, no mais das vezes, é indicada de forma paratextual. Em regra, o arquitexto remete-se ao gênero e é de crucial importância, tanto para a elaboração do texto, quanto para a sua recepção por parte do leitor.

E por fim, a transtextualidade que se assenta nas relações entre os textos literários. Esta última conceituação aponta, entre outros caminhos, para a hibridização do discurso literário com outras práticas discursivas, o que levou o eminente teórico russo Mikhail Bakhtin definir o romance como sendo dialógico, ou seja, o diálogo incessante entre os discursos e os textos.

A teoria pós-moderna traz em seu bojo alguns conceitos que têm sido amplamente discutidos e utilizados em diálogos com as expressões literárias e artísticas do passado recente e da atualidade e, entre eles, os conceitos de metaficção historiográfica, obra aberta, nova história, feminismo e pós-colonialismo.

Entre os vários conceitos que aparecem no seio da teoria pós-moderna, destaca-se o que a *scholar* canadense Linda Hutcheon chama de metaficção historiográfica, com a qual ela se refere a obras ficcionais que refletem conscientemente sobre a sua própria condição. O conceito formulado por Hutcheon abarca, também, a apropriação de personagens e fatos históricos, submetendo-os, porém, à distorção, à paródia e à ficcionalização. Esses textos mostram a ficcionalidade da História, como demonstram as suas

próprias palavras em *Poética do Pós-modernismo*, as quais são: “àqueles romances famosos e populares e mesmo assim de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos”. (1988, p. 21)

A ênfase no local e no relato dos personagens que não tiveram voz na história oficial é tônica. As questões da subjetividade, intertextualidade, referência e ideologia são problematizadas pela metaficção historiográfica em sua busca de um novo tecido histórico, literário e cultural, em contestação aos valores canônicos estabelecidos no âmbito da historiografia, da história literária e da cultura em geral.

Os estudos de cultura, inaugurados na pós-modernidade pela obra de Raymond Williams, atestam que nasceram como resultado da insatisfação com outras disciplinas e seus limites, sendo, portanto, um fenômeno pós-disciplinar.

Os estudos culturais emergiram nos últimos anos como área de estudos interdisciplinares de cultura que, a exemplo do pós-modernismo, tem a sua identidade aberta e também se volta para as questões de raça, gênero, identidade nacional e cultural, cultura de massa etc.

O levantamento de tais questões endereça os estudos culturais para, entre outras, a revisão dos cânones literário, historiográfico e cultural à luz do multiculturalismo, o que sem dúvida são propostas que permitem aos estudos culturais e à teoria pós-moderna convergirem para pontos comuns.

Outro construto teórico recente que também tem enfatizado a relação literatura e história é a nova história, segmento que tem por propósito a flexibilização dos cânones historiográficos, a descentralização dos contextos, dos fatos e dos personagens predominantes e a conseqüente emergência dos discursos do local, da periferia e dos excluídos.

Alguns historiadores da cultura, como Steven Connor e Hayden White, vêm trabalhando a constituição do cânone historiográfico e seu encontro com a ficção, intermediado pela narrativa.

A nova história vem abalando os alicerces da história tradicional, também chamada de “paradigma tradicional” por muitos teóricos, como Peter Burke, por exemplo. No centro desses abalos encontra-se a contestação da assertiva canônica de que a história é primordialmente política e centrada no estado e no feito dos grandes homens, ou seja, presidentes, reis, generais, papas e estadistas de toda sorte.

Ao levantarem essa questão, os novos historiadores passam a enfocar a história a partir de fontes e relatos de outras esferas. Daí, a descrição das testemunhas, e a visão de mundo da comunidade, encontrarem abrigo nos novos enfoques, bem como se estenderem para além dos feitos das figuras outrora centrais nas narrativas de cunho historiográfico.

No final dos anos de 1970 surge nos departamentos de inglês das principais universidades anglo-americanas uma nova teoria crítica: a teoria pós-colonial, que tem na obra *Orientalism*, de Edward Said, o seu início.

O texto de Said é considerado um marco a partir do qual as instituições acadêmicas ocidentais reconhecem o pós-colonialismo como uma área de estudos. Com isto, os discursos do colonizador e do colonizado passaram para a ordem do dia, bem como a relação centro-periferia e vice-versa.

Said defende em *Orientalism* a tese de que o Ocidente produziu uma visão do Oriente calcada numa simplificação histórica e cultural, produzindo, por conseguinte, uma idéia reducionista, depreciativa e generalizada do Oriente, que passa a ser visto como o exótico, o miscigenado, o Outro do europeu branco e civilizado.

Prescindindo de mais obras de peso para a consolidação do pós-colonialismo no meio acadêmico, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin organizam e publicam *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literature* em 1989 e preenchem a lacuna que faltava.

Todavia, esta obra foi alvo de muitas críticas, a começar pela ambigüidade que o título ecoa e pela visão globalizante que traz. Mishra e Hodge ponderam em *What is a Post-colonialism? – Colonial Discourse and Post-colonial Theory* que “*the danger here is that the post-colonial is reduced to a purely textual phenomenon, as if power is simply a matter of discourse and it is only through discourse that the counter-claims might be made*”. (1993, p. 278)

Outro ponto que suscitou várias críticas a este livro foi a questão da diferença entre *settler* e *non-settler colonies*, onde, respectivamente, assinalou-se a presença de colonizadores brancos e não-brancos.

Na visão de Peter Hulme, *The Empire Writes Back* permanece como o livro-texto da teoria pós-colonial, não obstante toda a crítica de que é alvo. Contudo, o livro prima por tratar de pontos cruciais acerca da literatura pós-colonial: uma crítica a falsas alegações de universalidade política, histórica e cultural, aqui entendida como uma posição à margem da história, a partir da qual tudo é julgado.

Do ponto de vista literário, a teoria pós-colonial propõe uma nova estética que prima por conceitos e tropos que levam em conta a visão do Outro, daquele que não teve voz na história oficial.

Portanto, é preciso entender o pós-colonialismo como orientação ideológica e não como fase histórica e, com isso, dois tipos de pós-colonialismos vêm à tona: o pós-colonialismo de oposição e o pós-colonialismo de cumplicidade. O primeiro se exprime no momento em que as ex-colônias alcançaram a independência política e o segundo seria uma forma inerente ao próprio processo de colonização. No dizer de Vijay Mishra e Bob Hodge, “*what emerges is the fact that we are really talking about not one ‘postcolonialism’ but many postcolonialisms*”. (1993, p. 284)

O paradoxo que dá forma ao termo pós-colonialismo faz-se a partir da ambigüidade das palavras compostas pelo prefixo “pós” na cultural atual: pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-guerra, pós-marxismo etc., o que assinala uma crise na idéia de linear progresso histórico.

e sociais, como demonstram os trabalhos de pensadoras(es) feministas nas searas da teoria literária, antropologia, demografia, sociologia, psicanálise etc.

Depois de todas essas ilações, pondera-se que o viés multicultural em curso advoga que a questão estética não mais se sustenta como escudo euroamericano de constituição de valores mais altos para compor o cânone ocidental, mesmo porque a definição de estética, atualmente, é extremamente problemática, visto que a mesma mesclou-se com outras formas de linguagem e expressão, fazendo com que o arcabouço estético ganhasse novas formas. Logo, postula-se que o *estranhamento* e a *influência* são aspectos dessa mesma estética e *que não se sustentam mais como únicos*.

Assim, conclui-se que a atual voga multiculturalista não deve enterrar o cânone, nem devem os mentores canônicos se julgarem intocáveis, e a posição de diálogo apontada por Edward Said em *Culture and Imperialism* é, no momento, a mais equilibrada, pois as humanidades não podem prescindir da tradição erguida durante séculos, nem negar a ascensão de autores e obras que estão emergindo a partir de centros que nunca tiveram o poder de irradiação tão peculiares às nações européias ocidentais e aos Estados Unidos. Segue a citação de Said acima citada:

Yet the multicultural disciplines have in fact found a hospitable haven in the contemporary american academy ... where as we would have taught that it has always been a legitimate conception of the modern university's secular mission (as described by Alvin Gouldner) to be a place where multiplicity and contradiction coexist with established dogma and canonical doctrine. (Said, 1993: 320-321)

E por fim, neste limiar de um novo milênio, a profissão literária estendeu-se para além de suas próprias cercanias, chegando até à esfera diplomática, com seus profissionais atuando em sala de aula e até nas mais altas instâncias do poder em várias nações, passando pelo corpo diplomático, pela crítica jornalista, pelos cur-

sos de pós-graduação, entre outras formas de atuação na sociedade, o que tem sido acompanhado pelo seu desenvolvimento histórico, teórico e crítico.

ABSTRACT: *The field of critical theories has been developed since the ancient times when the aristotelic principles inaugurated, for the West civilization, the criticism of the literary art. From Ars Poetic to the present moment, many remarkable attempts to theorize on literature and artistic phenomena, with the support of some critical theory, have been brought about.*

During the 20th Century, this subject was enlarged by the theories of the Russian Formalism and the Anglo-American New Criticism. Once these vogues were well on the way out, new trends in criticism emerged in the 1960s, such as Structuralism and Semiotics whose efforts gave birth to the Narratology, which is regarded, by many critics, as a new conception of Science of Literature. Psychoanalysis, Aesthetics of Reception, Sociology of Literature followed the tide and paved the way to the important shifts that would take place in the 1970s.

The postmodern theory introduces some tenets which have been exhaustively discussed. The new approaches based on the ideas of Historiographic Metafiction, Open Work, New Historicism, Feminism, and Post-Colonialism are at stake.

KEYWORDS: *intertextuality, metafiction, feminism, post-colonialism, multiculturalism*

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- ARISTÓTELES, Horácio e Longinus. *Crítica e Teoria Literária na Antiguidade*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- SHCROFT, Bill & Griffiths, Gareth & Tiffin, Helen. *The Empire Writes Back*. London and New York: Routledge, 1989.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

- DUARTE, Constância Lima. *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: 1995.
- FILHO, Domício Proença. *Estilos de Época na Literatura*. São Paulo: Ática, 1994.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva & Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUYSSSEN, Andreas. *After The Great Divide*. Indianapolis: Indiana U.P., 1986.
- MARX, KARL & ENGELS, Friedrich. *Sobre Literatura e Arte*. Tradução de Albano Lima. São Paulo: Edições Macabru, 1971.
- ROCHA, Luiz Carlos Moreira da. "O Cânone Ocidental (vide Bloom) X Multiculturalismo". *Revista Tempo Brasileiro* n. 129 – Abr-Jun. Organizadora: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 14-15.
- _____. "As Literaturas de Língua Inglesa no Tempo e no Espaço" In: *Anais da 1ª Semana de Estudos Interdisciplinares Anglo-Americanos da Unigranrio*. Duque de Caxias(RJ): Editora da Unigranrio, 1999. p. 155 – 180.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, ed. 1996.
- SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Novo Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, ed. 1979.
- STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Tradução e Notas por Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A., 2001.